

CONSTRUINDO CIDADANIA

de Samambaia

CORREIO BRAZILIENSE

27 OUT 1999

Em Samambaia um milheiro de tijolos não serve só para ajudar na construção de casas populares, muros, galpões e churrasqueiras. A fábrica é responsável também pela construção de sonhos, de dignidade, de cidadania e de esperança em uma vida, no mínimo, decente. No Conjunto 17 da QR 514 de Samambaia, uma cooperativa habitacional — Coopercin — criou o *Projeto Elo*, uma iniciativa que visa tirar das ruas jovens envolvidos com drogas e pequenos roubos. “Tudo começou quando algumas mães de jovens usuários de drogas ou que tenham se envolvido em crimes, procuraram nossa cooperativa em busca de emprego para seus filhos. Daí nasceu a idéia de aproveitar esses garotos”, conta a vice-presidente da Coopercin, Sandra Lia de Lima, 39 anos.

Três jovens que viviam em situação de ruas participam do projeto. Os garotos recebem R\$ 100 por mês e fabricam um diferente tipo de tijolo, feito a base de areia, cimento e cal. Conhecido como solocimento, é usado na fabricação de casas populares, muros, churrasqueiras e galpões comunitários. “É um tijolo muito melhor que o tradicional. Resiste ao calor, por isso é usado em churrasqueiras, é bem mais barato além de não causar infiltração, já que sua cura é feita com água”, descreve o gerente da cooperativa, José Wilson, 20 anos.

“Além de aprenderem a fabricar tijolos, os meninos fazem cursos de cerâmica, alimentação alternativa, salgadeiro e de reciclagem, que funcionam como terapias ocupacionais. Nos fins de semana, um voluntário dá aulas de inglês e informática para os pupilos”, conta a vice-presidente, Sandra Lia. “Durante os intervalos, três vezes ao dia, fazemos preces e reflexões para importância do trabalho e da família”, conta. “Também aprendem a fazer almoço e a limpar a casa”. Segundo Sandra, os meninos trabalham das 8h às 17h e produzem cerca de 4500 tijolos por dia. “São feitos de três em três, com a ajuda de uma máquina manuseada pelos meninos. Depois de prontos, ficam sete dias na cura, a base de água, já que são feitos com cimento, até que estejam totalmente secos”, define.

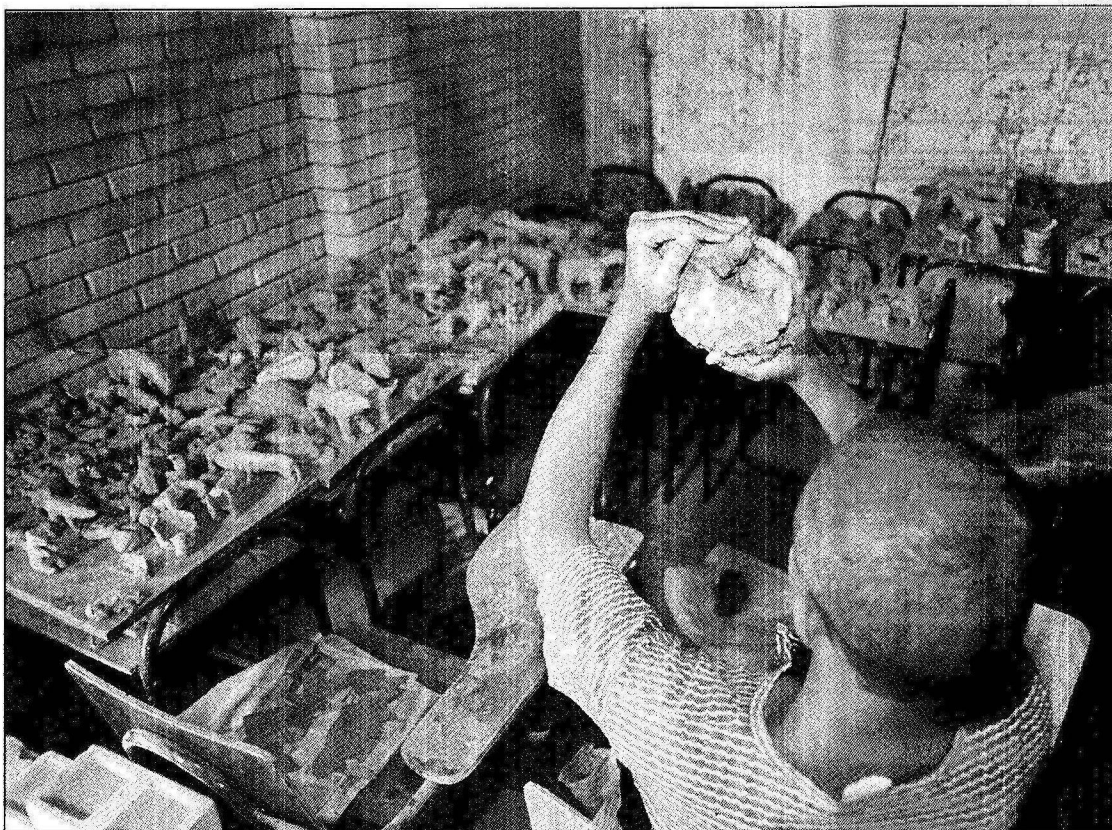
DROGAS E ARMAS

W.G.M.O diz ter “aprontado” muito antes de conhecer o trabalho do Projeto Elo. “Nos fins de semana, saía com uma galera de vinte caras. Arrombávamos quiosques e roubávamos qualquer pessoa que cruzasse com a gente”, conta sem constrangimento, o rapaz que já teve revól-

veres de calibre 38 e 32. “Quando andava com meu parceiro e estava precisando de grana, fazíamos assaltos em plena luz do dia. Além disso pichava muito em Taguatinga”. E foi em Taguatinga que o jovem conheceu o parceiro de “bagunças” que mais tarde iria preparar uma casinha — emboscada — para o companheiro W. “Por causa de desentendimentos, ele mandou uns caras do Recanto das Emas me roubarem e me matarem. Me deram um tiro no ombro e dispararam mais dois. Sorte que erraram. Um mês depois disso encontrei com o cara e ainda dei-lhe uns tapas, mas não quero mais saber disso não. Na vida da malandragem você só tem dois caminhos a seguir ou você morre ou apodrece na cadeia”, diz arrependido. “Estou aprendendo que a vida é mais que a miséria que as crianças crescem vendo aqui em Samambaia. O crime não compensa”, conclui o garoto de 16 anos que parou de estudar na 8ª série.

Sua mãe, dona Raimunda (nome fictício) se diz feliz e aliviada com a tentativa de mudança do filho. “Quando ele se isola da marginalidade, torna-se um garoto maravilhoso. Ele é o xodó da vice-presidente, a Sandra Lia. Com fé em Deus ele será um grande homem no futuro”, aposta. Dona Raimunda confirma a fama de “bagunceiro” do garoto. “Certa vez ele foi parar em Santa Maria por ter brigado com o pai dele. Ficou quase um mês fora de casa. Além disso era muito desobediente. Sumia nos fins de semana, matava aula, brigava na escola e sempre chegava com os olhos vermelhos e esbugalhados. Parecia que estava sempre drogado. Graças a Deus ele está se recuperando”, conta satisfeita.

H.B.I, 15 anos também está feliz com a nova oportunidade. Afastado dos roubos de carteira, o garoto se diz recuperado e com boas chances de arranjar um emprego quando ficar mais velho. “Com os cursos que fazemos aqui, podemos aprender uma profissão. As ruas só trazem coisas ruins. O melhor é trabalhar e crescer honestamente”, diz o menino que abandonou os estudos na 4ª série. H. gasta os R\$ 100 que ganha com roupas e na feira



Meninos atendidos pela Coopercin participam de várias oficinas profissionalizantes, como a de cerâmica

mensal da casa. “Dou um pouco para minha mãe. Com o resto eu compro roupas e me divirto. Quem fica fazendo besteiras nas ruas consegue fazer isso?”, ironiza sorridente.

Caso um pouco diferente é o do maranhense, Antônio Luiz Lima, 20 anos. Antônio veio a Brasília “com a cara e a coragem” e sobrevive do dinheiro do trabalho na cooperativa. Ao contrário dos companheiros de trabalho, nunca se envolveu com drogas e delitos. “Moro com mais três amigos que dividem o aluguel de R\$ 120 comigo. Quando dá, mando uma graninha para minha mãe”, conta o rapaz que

largou tudo em São Bernardo (MA) para tentar a vida em Samambaia. Antônio começou a trabalhar no projeto em maio deste ano e sozinho consegue produzir cerca de 500 tijolos por dia. “Quando sobra um dinheiro acabo comprando roupas ou um tênis para sair nos fins de semana”, conta o garoto, que, para poder vir morar em Samambaia, teve de pedir dinheiro ao prefeito da cidade onde morava. “Fico muito agradecido e prometo um dia pagar em dobro o empréstimo”, conclui.

Segundo Sandra Lia, o projeto traz benefícios e melhorias para a vida desses jovens, mas preci-

sa de apoio. “Gostaria que o governo local olhasse um pouco mais para este tipo de iniciativa. Estamos muito carentes”, reclama. O dinheiro que mantém o projeto depende das vendas dos tijolos que custam R\$ 130 o milheiro. Uma churrasqueira média feita com o material custa R\$ 350. “Com outro tipo de tijolo o cliente vai gastar cerca R\$ 800. Mais que o dobro”, diz.

SERVIÇO

Quem quiser conhecer o material produzido pelos garotos pode procurar a Coopercin, na QR 514 Conjunto 17 de Samambaia. Informações: 358-6156 / 975-6133.